

La Comédiathèque

Cenas de Rua

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Cenas de Rua

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A rua é um palco ao ar livre onde por vezes ocorrem histórias estranhas...

1. No final da rua.....	3
2. Planos de carreira.....	7
3. A Rua é de todos.....	10
4. Em rodas.....	14
5. O Preço justo.....	17
6. O Homem da rua.....	20
7. O Número correto.....	22
8. Segunda oportunidade.....	24
9. Na Rua.....	27
10. A Manifestação para ninguém.....	29
11. Uma orelha atenta.....	32
12. A Aposta de Pascal.....	36
13. Uma boa varredura.....	42
14. Uma Sombra na Rua.....	46

25 personagens

O elenco pode ser muito flexível em termos de número e género, cada ator pode interpretar vários papéis, e a maioria dos papéis pode ser masculina ou feminina.

© La Comédiathèque

1. No final da rua

Uma rua, com um passeio e possivelmente um banco. Um personagem (homem ou mulher) chega de um lado, outro personagem chega do lado oposto.

Um – Desculpe, sabe para onde vai esta rua?

Dois – Para onde vai? Ah, não... não sei exatamente.

Um – Mas você vem de lá, não vem?

Dois – De onde?

Um – Desta rua!

Dois – Ah, não, eu saio do número 5, aí. É onde eu moro... Enfim, fica logo no início da rua. No outro sentido, não sei para onde esta rua vai.

Um – Ah, sim, é chato.

Dois – Chato?

Um – Não vou seguir por esta rua sem saber para onde ela vai.

Dois – Mas, para onde você vai?

Um – Disseram-me que no final da rua, mas...

Dois – No final da rua? Que rua?

Um – Disseram-me a rua que desce.

Dois – A rua que desce? Então, não deve ser esta.

Um – E por que não?

Dois – Eu diria que esta rua sobe, não?

Um – Ah, mesmo? Você pensa isso? Eu penso mais que desce.

Dois – Ou talvez, você não a tenha seguido na direção certa...

Um – Ah, não, para mim desce.

Um terceiro personagem chega.

Dois – Desculpe a interrupção... Você acha que esta rua sobe ou desce?

Três – É para uma pesquisa?

Dois – Não...

Três – Aviso já, não me envolvo em política.

Dois – Não, não, é só que esta pessoa... disseram a ela que no final da rua que desce e...

O terceiro olha para a rua.

Três – Eu diria que esta rua é plana, não?

Dois – Uma inclinação suave, então...

Um – Sim, mas uma inclinação suave que sobe ou desce?

Três – Podemos colocar uma bolinha no chão da calçada e veremos para onde ela rola.

Um – Como é que uma bolinha pode subir?

Três – Não a bolinha! A rua. Colocamos a bolinha no chão e vemos em que direção ela começa a rolar.

Um – Sim, claro, podemos fazer isso...

Os três parecem esperar algo.

Dois – Você tem uma bolinha?

Três – Não.

Um – Então, por que mencionou colocar uma bolinha no chão?

Três – Falei assim, simplesmente! Nunca disse que tinha uma bolinha. Acham que pareço alguém que brinca com bolinhas?

Dois – Teríamos que encontrar uma criança.

Um – Uma criança com bolinhas.

Eles olham em volta.

Três – Hoje em dia, crianças que brinquem com bolinhas...

Dois – Sim...

Três – É verdade. Isso se perdeu. Quando eu era criança, ainda brincávamos com bolinhas.

Dois – Eram outros tempos. Parece tão distante. Agora, se as crianças brincarem com bolinhas, será através de um aplicativo no smartphone.

Um – Bem, isso não me diz se é a rua certa.

Três – A rua certa?

Dois – Disseram a ela que no final da rua, mas não disseram o nome da rua.

Três – Só no final da rua?

Um – Disseram-me a rua que desce.

Três – Que desce? Mas em que direção?

Dois – É isso que eu disse...

Três – Mas, para onde exatamente você vai?

Um – Não vou a lugar nenhum! Estou procurando o meu carro.

Três – O seu carro...

Um – A minha esposa disse-me que o tinha estacionado numa rua que desce, mas não me disse qual...

Dois – Foi há muito tempo?

Três – Porquê? Acham que a inclinação da rua pode ter mudado desde então?

Dois – Apenas desça por essa rua e verá se o seu carro está estacionado lá.

Três – Descê-la... ou subi-la. Eis a questão.

Dois – Ela disse-lhe em frente a que número?

Um – Apenas me disse no final da rua. No topo.

Três (*cético*) – No topo? No final de uma rua que desce...

Um – Estou um pouco com medo de me perder. Já ando às voltas há uns bons quinze minutos.

Três – É verdade que parece virar um pouco, no final, essa rua, não?

Dois – Bem... Isso explicaria tudo...

Três – O que explicaria?

Dois – Como se chama a rua do outro lado?

Um – Essa rua? A que também desce?

Três – Eu diria mais que sobe, mas tudo bem...

Dois – Vou verificar...

Ele vai verificar. O terceiro volta-se na direção em que o outro foi.

Três – Não sei para onde vai essa rua, nunca a apanhei... Sempre vou até ao número 214 da Rua Giraforte. Duas vezes por semana durante mais de dez anos.

O outro regressa.

Dois – É incrível, também é a Rua Giraforte, número 214.

Três – Essa rua é a Rua Giraforte?

Dois – Sim, como a outra.

Um – Como é que uma rua pode descer em ambas as direções?

Três – Bem, se for uma rua circular...

Dois – Pode descer em ambas as direções perfeitamente...

Três – Por isso é que a sua esposa lhe disse a rua que desce...

Dois – E no final de uma rua que desce e que é circular, inevitavelmente, está no topo da rua.

Um – Ah, sim, não é falso...

Três – É incrível... Andei a percorrer esta rua de ponta a ponta durante dez anos para ir ao psicanalista, virando à esquerda ao sair da boca, e hoje percebo que está mesmo à direita ao sair.

Dois – Que boca?

Três – A boca do metro!

Um – Ah sim, isso é realmente dar voltas.

Dois – Se fosse eu, deixava a psicanálise...

Um (*voltando-se*) – Ah, sim, está ali mesmo...

Três – O quê?

Um – O meu carro!

Dois – Ah, aí está ele.

Três – Tudo corre bem quando acaba bem.

Um – Muito obrigado pela vossa ajuda... Desculpem, tenho de ir, já estou atrasado...

Dois – Claro, claro.

A personagem afasta-se. Os outros dois observam-no enquanto se vai.

Três – Que história...!

Dois – Sim...

2. Planos de carreira

Dois estudantes do ensino médio (que podem ser interpretados por adultos vestidos como adolescentes) chegam uma após a outra.

Um – Recebeste os teus boletins?

Dois – Sim.

Um – Qual é a tua média?

Dois – Dezassete.

Um – Ah, sim...

Dois – E a tua?

Um – Oito e meio.

Dois – Ah, sim... É exatamente metade.

Um – Metade de quê?

Dois – Oito e meio. Metade de dezassete.

Um – Tu achas?

A outra olha para ela surpreendida e desiste de responder. Silêncio.

Um – O que queres ser quando fores grande?

Dois – Não sei... (*Um momento*) Estou indecisa entre ser fisioterapeuta e massagista.

Um – Ah, sim, está bem... (*Silêncio*) O que é exatamente um fisioterapeuta?

Dois – Bem... Uma pessoa que tem uma câibra, por exemplo. Chama o fisioterapeuta, ela faz-lhe uma massagem...

Um – Para tirar a câibra...?

Dois – Sim...

Um – Ah, entendo... (*Um momento*) Então é uma massagista, não é?

Dois – Sim... Mas agora chama-se fisioterapeuta.

Um – Está bem...

Dois – Vem do grego: "fisio", que significa corpo, e "terapeuta", que significa curar. Porque é preciso estudar, afinal, para ser fisioterapeuta.

Um – Estudar grego?

Dois – Mais latim, na verdade. Para saber bem os nomes de todos os ossos do corpo humano – o rádio, o cúbito, o estratocúmulo, Rómulo e Remo...

Um – Ah, sim, está bem... (*Um momento*) E ganha-se bem como fisioterapeuta?

Dois – Não... Esse é o problema... Por isso estou indecisa quanto a ser massagista...

Um – Porque ganha-se mais como massagista?

Dois – Muito mais. A minha irmã mais velha é massagista, e a minha mãe diz que ela ganha dez vezes mais do que ela.

Um – O que faz a tua mãe?

Dois – Nada.

Um – Nada?

Dois – Está desempregada.

Um – Ah, percebo... Isso é mau... E a tua irmã, gosta do trabalho de massagista?

Dois – Não sei. O meu padrasto mandou-a embora logo depois de terminar o ensino médio.

Um – Ah, isso não está certo...

Dois – Não, é mau.

Um – E o teu padrasto, o que faz?

Dois – Nada...

Um – Desempregado?

Dois – Falecido.

Um – Ah, uau... Mas falecido...? (*Diante do silêncio da sua interlocutora*) Uau...

Dois – E tu, o que queres fazer quando terminares o teu bacharelato? Se alguma vez o conseguirem...

Um – Estou indecisa...

Dois – Entre o quê e o quê?

Um – Não sei.

Dois – O que fazem os teus pais?

Um – O meu pai é professor de grego.

Dois – E a tua mãe?

Um – Professora de grego.

Dois – Fantástico...

Um – Querem que eu seja professora de latim.

Dois – De latim?

Um – Dizem que como professora de grego, nunca alcançarei o nível.

Dois – Fantástico...

Um – Não há desemprego. É o serviço público.

Dois – E ganha-se bem como professora de grego?

Um – Não sei...

Dois – Mais do que como massagista?

Um – Talvez um pouco menos, suponho.

Dois – E são necessários estudos...

Um – Há um concurso... Não há um concurso para ser massagista?

Dois – Não.

Um – Ótimo...

Permanecem em silêncio por um momento.

Um – Oh, droga...

Dois – O que aconteceu?

Um – Oito e meio... Os meus pais vão me matar, isso é certo...

Dois – Apenas diz isso a eles.

Um – O quê?

Dois – Aos teus pais. Quando chegares a casa, diz-lhes que queres ser massagista. Assim, eles vão deixar-te em paz.

Um – Tu achas?

Dois – Claro...

Um – Ah, entendi...

Dois – Não precisas de diplomas.

Um – Sim, não é uma má ideia... (*Olha para o relógio.*) Bem, tenho que ir, se não eles realmente vão me matar...

Dois – OK. Conta-me depois.

Um – O quê?

Dois – Sobre os teus pais. O que eles pensam sobre o teu projeto profissional...

Um – Obrigada pelo conselho de qualquer forma...

Ela afasta-se. A outra suspira.

Dois – Esta rapariga é mesmo estúpida.

3. A Rua é de todos

Um homem vestido como uma prostituta espera no passeio. Uma religiosa se aproxima. Ela parece desagradavelmente surpreendida ao ver o homem travestido.

Religiosa – O que estás a fazer aqui?

Travesti – Não vês?

Religiosa – Isto não é um bairro de prostituição. Não achas que te destacas um pouco neste ambiente?

Travesti – És polícia?

Religiosa – Não exatamente...

Travesti – A rua é de todos, não é?

A religiosa oferece-lhe uma nota.

Religiosa – Bem, pega, aqui tens uma nota de dez. Pega e vai-te embora, certo?

O travesti olha para a nota, surpreendido, mas não a pega.

Travesti – Obrigado, irmã, é muito generoso da tua parte. Mas vou ser obrigado a ficar.

Religiosa – Só te peço que te movas até ao final da rua!

Travesti – Sim, mas lamento, não vai ser possível.

A religiosa reflete por um momento, incomodada, e depois decide algo.

Religiosa – Bem, quanto custa?

Travesti – Porquê? Interessa-te?

A religiosa tira duas notas de vinte euros e oferece-lhas.

Religiosa – Aqui tens duas notas de vinte euros. Vês, o meu carro está na esquina da rua. Porque não vais lá ver se estou? Podes considerar isso como se estivesses a trabalhar...

Travesti – Mas estou-te a dizer que não.

Religiosa – E porquê não?

Travesti – Porque tenho uma boa razão para não me mover daqui, é por isso.

Religiosa – Qual é a razão?

Travesti – Estou-te a fazer perguntas acaso?

Religiosa – Não te impido que me faças perguntas. Desde que saias daqui depois.

Travesti – Muito bem. Então, por que te incomoda tanto que eu esteja aqui? Não é muito cristão. Lembro-te que Jesus mesmo não atirou pedras à mulher adúltera...

Religiosa – Bem, no que diz respeito às mulheres adúlteras, eu estaria mais a favor da lapidação, sabes?

Travesti – É uma ameaça?

Religiosa – Escuta, não tenho nada contra ti, certo? Estou a vigiar a casa em frente e preferiria manter-me discreta, percebes? Se formos os dois, começa a parecer uma multidão...

Travesti – O número 13?

Religiosa – Sim, o número 13, porquê?

Travesti – Não, sou eu quem te pergunta porquê. Por que te interessa tanto o que acontece no número 13?

Religiosa – Digamos que... duas pessoas têm planeado encontrar-se lá. Duas pessoas que são casadas, mas não entre si, se é que me entendes.

Travesti – E o céu envia-te para evitar esse pecado mortal... És uma espécie de anjo da guarda, certo?

Religiosa – Mais seria uma espécie de cornuda...

Travesti – Ah, entendo... És a esposa de...?

Religiosa – Não te posso esconder nada.

O travesti fica surpreso.

Travesti – Ah, sim, claro, isso muda tudo...

Religiosa – Então...

Travesti – De qualquer forma, parabéns pelo teu disfarce. Nunca teria suspeitado que...

Religiosa – Obrigado.

Travesti – E o que achas do meu?

Religiosa – Não me digas que tu também...

Travesti – Sim...

Religiosa – É incrível... Bem, parabéns a ti também... Eu também nunca teria conseguido adivinhar que...

Travesti – E agora, o que fazemos?

Religiosa – É verdade que os nossos disfarces são perfeitos, mas...

Travesti – Sim, pelo menos podemos dizer que a nossa combinação é bastante improvável.

Religiosa – E muito chamativa.

Travesti – Realmente é má sorte.

Religiosa – Vamos acabar chamando a atenção, isso é certo.

Travesti – Pena que não conseguimos coordenar-nos.

Religiosa – Podemos agir como se não nos conhecêssemos.

Travesti – Está bem... Podemos tentar...

Religiosa – De qualquer forma, não devem demorar a chegar.

Um momento em que tentam ignorar-se mutuamente.

Travesti – Vou tirar algumas fotos com o meu telemóvel e sair. É para o meu advogado.

Religiosa – Tinha pensado em contratar um detetive para as fotos, mas é tão caro.

Travesti – E tão cliché.

Religiosa – Se as tuas fotos correrem mal, enviar-te-ei as minhas. Deixa-me o teu endereço de email.

Travesti – Aqui está o meu cartão.

Entrega-lhe um cartão. A religiosa pega-o.

Religiosa – Ah, trabalhas no El Corte Inglés da Calle de Goya?

Travesti – Sim, porquê?

Religiosa – Eu também.

Travesti – Pelo menos temos algo em comum.

Religiosa – É curioso que nunca nos tenhamos cruzado antes.

Travesti – Bem, talvez já nos tenhamos cruzado. Mas suponho que tu também não te vestes assim para ir trabalhar...

Religiosa – Não, tens razão...

Um momento.

Travesti – Fumas?

Religiosa – Não, obrigado...

Travesti – Ah, não, eu também não fumo. Só queria saber se tu fumavas.

Religiosa – Ah, sim? E porquê?

Travesti – A minha esposa fuma. É absolutamente insuportável.

Religiosa – Sim, sei como é... O meu marido também fuma.

Travesti – Pelo menos têm isso em comum. Talvez se tenham conhecido numa tabacaria...

Religiosa – Quem sabe...

Travesti – Ah, acho que eles já chegaram.

Religiosa – Não me atrevo a olhar... Certamente que nos descobrem.

Travesti – Só nos resta fazer como nos filmes.

Religiosa – Nos filmes?

Ele abraça-a e beija-a longamente. Aos poucos, separam-se.

Travesti – Acho que entraram no número 13.

Religiosa – Tens a certeza de que eram eles?

Travesti – Não tenho a certeza, na verdade... Não olhei bem... Acontece que tinha a cabeça noutra lugar...

Religiosa – Sim, também me aconteceu... Achas que nos reconheceram?

Travesti – Francamente, duvido. Com os nossos disfarces...

Religiosa – Bem, acho que é melhor irmos embora.

Travesti – Estava a pensar se não deveria confiar este assunto a um detetive privado, de qualquer forma.

Religiosa – Sim, por muito que digamos, é uma profissão.

Travesti – Mas pensando bem, por que não contratar o mesmo detetive para os nossos dois casos? Afinal, serão as mesmas fotos, não é?

Religiosa – Tens razão, seria absurdo multiplicar os custos. Partilharemos os custos...

Travesti – Nem pensar... Eu convido-te...

Religiosa – És um cavalheiro como já não se encontra. E nem sequer sei o teu nome...

Travesti – Jerónimo. Acho que é melhor não ficarmos muito tempo aqui... Convido-te para tomar alguma coisa em algum lugar?

Religiosa – Não sei se é muito prudente, mas...

Travesti – A parte mais difícil será encontrar um lugar onde possamos passar despercebidos.

Religiosa – Sim, não será fácil...

Saem.

4. Em rodas

Um personagem chega, puxando um cão de patins amarrado a uma trela. Outro personagem chega em seguida, com um maço de cigarros na mão (o texto pode ser ajustado de acordo com o sexo dos dois personagens).

Dois – Então, já voltaste?

Um – Ah, olá! Sim, sim, voltei esta manhã. E tu?

Dois – Ontem à noite.

Um – Muito trânsito na estrada?

Dois – Saímos cedo, felizmente, senão...

Um – Sim... As férias acabaram...

Dois – Mas bem, dizemos isso, mas no final não ficamos descontentes por voltar a casa, certo?

Um – Mmm...

Dois – Não podemos estar de férias o tempo todo. No final, ficaríamos entediados. *(Oferece um cigarro ao outro.)* Um cigarro?

Um – Obrigado, deixei.

Dois – Ah, sim?

Um – As resoluções de Ano Novo, sabes... Agora, uso cigarro eletrónico...

Tira um cigarro eletrónico e começa a vaporizar. O outro guarda seu maço de cigarros.

Dois – Bem, suponho que devo fazer o mesmo... *(Tira uma caixa de comprimidos, pega um, está prestes a guardá-lo, mas muda de ideia.)* Oh, desculpa, queres um? É um relaxante suave... Em teoria, só se obtém com receita médica, mas são muito leves...

Um – Obrigado, também deixei os medicamentos...

Dois – Oh, meu Deus... Já não estamos apenas a falar de resoluções de Ano Novo, certo? É algo sério, diz-me. Encontraste Deus este verão, tornaste-te monge e só vieste buscar as tuas coisas antes de te trancar no mosteiro, certo?

Um – Pelo menos tu não fizeste o voto de silêncio...

Dois – Bem, suponho que tens razão. Eu também devia deixar isso.

Um – Deixar isso... dizer disparates, queres dizer?

Dois – Deixar os medicamentos!

Um – Ah, sim, claro... É verdade que não tens muito bom aspeto. Para alguém que regressa das férias...

O outro mostra algum sinal de cansaço.

Dois – E a tua esposa, como está?

Um – Na verdade... Também deixei a minha esposa.

Dois – Deixaste?

Um – De qualquer forma, estávamos sempre a discutir... Por isso, em vez disso, agarrei... algo que se infla.

Dois – Ah sim... Sim, isso... É menos complicado, com certeza...

Um – Inflo-a todas as noites. Vemos um pouco de televisão e depois... E tu?

Dois – Eu? Ah, não, eu... Ainda estou com a minha esposa. À moda antiga, sabes...

Um – Entendo...

Silêncio desconfortável.

Dois – E o cão, como está?

Um – O cão? Sobre rodas.

Dois – Ah, sim, nem reparei, caramba... Então também deixaste o cão...

Um – Este não late e pelo menos não tenho de apanhar os dejetos dele.

Dois – Claro... Mas então, por que ainda o levas a passear?

Um – Acho que é hábito... Mas tens razão, acho que também vou deixar de levar o cão a fazer xixi... Assim evito encontros indesejados...

Novo silêncio.

Dois – Sugeriria irmos tomar uma cerveja, mas já sei qual será a tua resposta...

Um – Deixei o álcool...

Dois – E pronto.

Um momento.

Dois – Um café, talvez?

Um – Deixei a cafeína.

Dois – Um descafeinado?

Um – Bem... Com adoçante, então. E com a condição de prometeres que te calas um pouco.

Dois – É o que digo sempre à minha esposa. Tudo seria muito mais simples se as pessoas parassem de falar sem dizer nada.

Um – A quem estás a dizer isso...

Dois – Às vezes... Só não queremos ouvir mais sobre o assunto.

Um – Não precisas de me dizer isso...

O outro lança-lhe um olhar irritado.

Dois – Está bem, não digo mais nada.

Eles vão embora.

Um – Vamos, vem, cão.

Dois – Chama-se "cão"?

Um – Não me prometeste que te acalmarias um pouco?

Dois – Desculpa...

Um – Acho que também vou deixar de lado os vizinhos...

5. O Preço justo

Uma mulher está na calçada. Um homem se aproxima timidamente.

Um – Desculpe... A senhora...

Dois – Sim, sim...

Um – E... Quanto custa?

Dois – Eu... Não sei...

Um – Não sabe?

Dois – É que... Para dizer a verdade, é a primeira vez...

Um – A primeira vez?

Dois – Não, claro, não é a primeira vez que... Quero dizer que é a primeira vez que... Bem, estou começando neste negócio, sabe... Então, obviamente, não conheço bem as tarifas...

Um – Já entendi...

Dois – Quanto me daria, então?

Um – Não sei... Cerca de vinte e sete...

Dois – Vinte e sete euros?

Um – Erm... Não... Vinte e sete anos...

Dois – Ah, percebi!

Um – Na verdade, eu também não tenho ideia dos preços...

Dois – Já imaginava... Vinte e sete euros é bastante preciso... Para alguém que não conhece os preços... Não, quero dizer... Quanto me daria por...

Um – Desculpe, houve um mal-entendido... Eu também não tenho experiência... Também é a primeira vez para mim...

Dois – A primeira vez?

Um – Não, não é a primeira vez... Quero dizer que é a primeira vez que...

Dois – Claro... Afinal, tem que haver uma primeira vez...

Um – Então, nesse caso... Não tenho ideia das tarifas atuais... De fato, foi por isso que perguntei sobre as tarifas... dos seus serviços.

Dois – Nesse caso, não será fácil... Se nenhum de nós conhece os preços... Não sei, quanto me daria... Então, desta vez não estou a falar da minha idade, certo?

Um – Claro... Desculpe...

Dois – Não se desculpe. Além disso, tenho trinta e dois anos... Deveria agradecer-lhe a sua cavalheirice... Então...

Um – Então o quê?

Dois – Quanto?

Um – Ah sim... Quero dizer que... É difícil dizer assim...

Dois – Diga um preço. Quanto estaria disposto a pagar?

Um – Não sei... Cento e cinquenta...?

Dois – Cento e cinquenta?

Um – Sente que é pouco?

Dois – Está a brincar? Mas isso é muito!

Um – Acha?

Dois – Não conheço os preços, mas... cento e cinquenta euros é realmente desperdiçar dinheiro. E eu já lhe disse que não tenho experiência...

Um – Não tenho a certeza de que, nesse caso, a experiência...

Dois – Mesmo assim... Ou paga depois.

Um – Depois?

Dois – Dá-me o que quiser. Se ficar satisfeito. Satisfeito ou devolvo-lhe o dinheiro, por assim dizer!

Um – Não, sinceramente, isso incomodaria-me...

Dois – Sim, mas então, o que fazemos?

Um – Desculpe-me por perguntar isso, mas... Por que está...?

Dois – Por que faço isto na rua?

Um – Não é obrigada a responder, claro.

Dois – É por causa de uma vidente.

Um – Uma vidente?

Dois – Ela leu minha orelha e... Sim, era uma vidente que lia na orelha, parece que é muito raro. Então tive tendência a acreditar nela...

Um – E o que ela viu na sua orelha?

Dos – Bem... Ela me disse que via o amor... e uma calçada. Desde então, não sei como, mas tudo se encadeou como uma fatalidade. Até que... O destino, com certeza.

Um – Talvez ela também fosse uma vidente iniciante... Ou talvez tenha interpretado mal...

Dos – Você acredita nisso?

Um – Não sei... Ler os lóbulos da orelha é bastante delicado, afinal...

Dos – E você?

Um – Por que cheguei a isso? Bem, digamos que... Tive algumas decepções amorosas e... Comecei a me perguntar se...

Dos – Se não era mais fácil assim.

Um – Exato. Mas percebo que provavelmente não é uma boa ideia.

Dos – Ah, não me diga que vai embora assim! Você é meu primeiro cliente e achei você bastante simpático...

Um – Obrigado, mas... Agora estou me sentindo um pouco desconfortável...

Dos – Agora?

Um – Agora que conversamos...

Dos – Acha que falo demais, não é?

Um – De jeito nenhum, pelo contrário! Mas justamente, agora que nos conhecemos um pouco...

Dos – E se eu não cobrasse?

Um – Está brincando... Não, sério, eu me sentiria desconfortável...

Dos – Apenas considere como uma oferta de lançamento... Um teste gratuito...

Um – Mesmo assim, não sei se... Pelo menos me permita convidá-la para jantar antes...

Dos – Se você insistir...

Um – Vamos...

Eles vão embora.

Dos – Agora que estou pensando, acho que você está certa. Com certeza aquela vidente também estava começando. De qualquer forma, ela também não me cobrou...

6. O Homem da rua

Uma personagem está ali. Está à espera. Chega outro.

Dois – Desculpe, é o senhor o homem da rua?

O outro olha para ele, claramente surpreendido.

Um – Em que posso ajudá-lo...?

Dois – Trabalho para um instituto de pesquisas e foi-me pedido para entrevistar o homem da rua. Poderia dar-me alguns minutos?

Um – Estou à espera do autocarro...

Dois – Que coincidência, é uma pesquisa omnibus.

Um – Omnibus?

Dois – Sim... Significa que é uma pesquisa que agrupa perguntas que não têm relação entre si. Para os nossos clientes, é mais barato, entende?

Um – Não...

Dois – Cada um compra um bilhete, por assim dizer, e tem direito a fazer uma pergunta neste omnibus. É mais barato do que alugar um autocarro apenas para ele...

Um – Não entendo nada do que me está a dizer...

Dois – Bem, então aqui está a primeira pergunta... É um facto historicamente comprovado que Jesus Cristo nunca ia à igreja. Concorda muito, concorda mais ou menos...?

Um – Tem a certeza de que não está a ser alvo de uma brincadeira por parte desse instituto de pesquisas?

Dois – Mais ou menos discorda, totalmente discorda...?

Um – É para uma câmara oculta, certo?

Dois – Vou marcar mais ou menos discorda...

Um – Mas é uma pergunta completamente estúpida.

Dois – No entanto, quem a encomendou tem uma posição muito elevada, acredite em mim.

Um – Quem é?

Dois – Peço desculpa, estou vinculado ao segredo profissional... Então, aqui está a segunda pergunta – Acredita que há vida inteligente noutros lugares do universo?

Um – Está a gozar comigo?

Dois – De maneira nenhuma!

Um – Como espera que responda a questões como estas?

Dois – Esta é com um sim ou um não...

O outro lançou-lhe um olhar exasperado.

Dois – Vou marcar "não sabe".

Um – Suponho que existe uma terceira e última pergunta...

Dois – Na realidade, há um pouco mais do que isso, mas... Vamos ver... Por que há algo em vez de nada? É uma pergunta aberta... Posso dizer-lhe que esta foi encomendada por um particular com o seu próprio dinheiro.

Um – Talvez um professor de filosofia.

Dois – E qual é a sua resposta?

Um – Em quantas palavras?

Dois – Como um tweet – 140 caracteres.

Um – Se ao menos os filósofos se tivessem mantido nisso para responder a este tipo de perguntas, a filosofia seria muito mais popular nas aulas do último ano hoje em dia...

Dois – Então...

Um – Bem, tenho de ir. Aí vem o meu autocarro...

Dois – Posso pedir-lhe o seu nome e um número de telefone? Às vezes fazem verificações para garantir que não falsificamos as respostas...

O outro entrega-lhe o seu cartão.

Um – Aqui está o meu cartão...

Ele vai embora. O outro fica ali a olhar para o cartão.

Dois (a ler) – Sr. Da Rua...

7. O Número correto

Uma pessoa sem-teto está lá, pedindo esmola. Um homem e uma mulher chegam. Eles a evitam cuidadosamente.

Ela – Há muito mais pessoas marginalizadas neste bairro do que antes, não é?

Ele – É verdade, quando morávamos aqui, não havia tantas pessoas na rua.

Eles param e olham a fachada de um prédio.

Ele – Lembra-se?

Ela – Sim.

Ele – Estava no sexto, certo?

Ela – No sétimo.

Ele – Ah sim, é verdade.

Ela – Parece tão distante...

Ele – Mal tínhamos móveis.

Ela – Não tínhamos máquina de lavar louça.

Ele – Nem sequer tínhamos banda larga.

Ela – A vida boêmia...

Ele – Não tínhamos muito, mas éramos felizes.

Ela – Realmente somos mais felizes agora?

Ele – O dinheiro não traz felicidade, isso é certo.

Ela – Estávamos contentes com o que tínhamos, e não éramos infelizes por causa disso.

Ele – Éramos jovens. Amávamo-nos.

Ela – Ainda somos jovens, não somos? E ainda nos amamos?

Ele – É verdade, passaram apenas seis meses.

Ela – Seis meses! Parece que passaram dez anos.

Ele – Também me parece isso. Quase me esqueci da nossa vida anterior. Tem a certeza de que é o número correto, pelo menos?

Ela – Ah sim, com certeza. O número 13. Não me diga que também se esqueceu disso. O número suplementar!

Eles olham a fachada em silêncio por um momento, com sorrisos tolos nos lábios.

Ele – 60 milhões, percebe?

Ela – Muda a vida, com certeza.

Ele – Não estamos mais obrigados a viver no sétimo andar de um prédio.

Ela – Bem, eu gostava daquele apartamento. Tinha uma vista muito bonita para o Retiro e o Museu do Prado.

Ele – Sim. Mas não era muito grande.

Ela – Trezentos metros quadrados para nós dois já eram bastante.

Ele – Mesmo assim. No sétimo andar.

Ela – Com elevador...

Ele – Lembra-se quando ele avariou? A empregada teve que subir os sete andares com os nossos packs de água mineral durante uma semana.

Ela – Coitada...

Ele – De qualquer forma, tenho certeza de que ela está muito mais feliz agora que vivemos numa vivenda térrea nos bairros elegantes.

Ela – Viver no centro é muito conveniente, mas barulhento.

Ele – Por isso escolhemos este duplex no último andar.

Ela – Ah sim, é verdade... Era um duplex...

Ele – Por isso é que já não me lembrava se era o sexto ou o sétimo.

Ela – Tem razão. Na verdade, tínhamos os dois andares.

Novo silêncio emocionado.

Ele – Vamos, voltemos. Não vamos cair na nostalgia.

Ela – Além disso, o motorista está à espera.

Ele – É para isso que ele é pago, certo?

Ela – Então, quantos milhões temos agora?

Ele – Já tínhamos 10 que vinham da minha família.

Ela – Além de 20 que vinham da minha.

Ele – Com os 60 milhões da lotaria...

Ela – Então deve ser por volta de 80.

Ele – Se me permite, eu diria que são mais perto de 90...

Ela – Eu e os números, já sabes... Nunca soube contar.

Ele – Não és uma mulher de dinheiro. Por isso casei com você.

Eles vão embora, evitando cuidadosamente o mendigo.

Ela – Talvez pudéssemos dar-lhe algo...

Ele – Só tenho notas grandes...

8. Segunda oportunidade

Um mendigo chega. Vê uma moeda no chão e a apanha.

Um – Dois euros... É o meu dia de sorte.

Chega outro mendigo.

Dois – Olá...

Um – Olá... Nunca te vi por esta rua antes.

Dois – Não, sou novo. E daí? Isso incomoda-te?

Um – Surpreende-me, é só isso.

Dois – A rua é de todos, não é?

Um – A rua, talvez... Mas o passeio...

Dois – E tu, há quanto tempo ocupas este passeio?

Um – Este lugar é a minha casa.

Dois – Então és um tipo caseiro, não é?

Um – Tenho as minhas pequenas rotinas, sim. Conheço toda a gente.

Dois – Conheces toda a gente. Mas ninguém te conhece.

Um – De qualquer forma, não te conheço.

Dois – Bem, eu conheço-te.

Um – Conheces-me?

Dois – Não te lembras de mim?

Um – Não.

Dois – É verdade que mudei um pouco. Tu também, aliás.

Um – Não gosto muito de charadas.

Dois – Imagina-me barbeado, de fato e gravata, atrás de uma secretária de imitação de mogno.

Um – Desculpa, mas estou a ter dificuldade em perceber.

Dois – Eu era o teu consultor financeiro no Banco do Espírito Santo.

O outro fica momentaneamente petrificado.

Um – Cabrão! E agora vens aqui para te rires de mim novamente na minha rua? Vou estrangular-te, desgraçado!

Tenta saltar-lhe ao pescoço, mas o outro esquiva-se.

Dois – Calma! Podemos conversar, não é? E, aliás, tenho um negócio para te propor.

Um – Um negócio? Mas acabei assim precisamente por causa dos péssimos investimentos que me aconselhaste, desgraçado!

Dois – Desta vez é diferente, eu garanto. É totalmente sem riscos.

Um – Sem riscos? Claro que é sem riscos! O que mais é que eu posso perder? Só me deixaste com a camisa que tenho vestida!

Dois – Disseste isso, não tens nada a perder, e eu também não. Então, sim ou não? Queres ter uma oportunidade para te reabilitares?

Um – Não!

Dois – Está bem... Então, azar o teu. Vou tentar encontrar outro parceiro. Vou deixar-te, porque não tenho tempo a perder. É uma oportunidade única que tenho de aproveitar na próxima hora.

Começa a afastar-se.

Um – Espera, continua a falar...

Dois – Tens a certeza?

Um – Vou ouvir...

Dois – Bem, acontece que fiquei com uma nota de 50 euros.

Um – Isso é tudo o que te restou do que me roubaste?

Dois – Decidi arriscar. Fui a uma vidente há pouco tempo e ela deu-me os cinco números do próximo sorteio da lotaria.

Um – Isso é uma piada?

Dois – Eu juro, ela estava muito confiante.

Um – Tudo bem. Vais ficar milionário então? Fico feliz por ti. E o que é que isso tem a ver comigo? Planeias devolver-me com o teu grande prémio, certo?

Dois – Não exatamente.

Um – É curioso, mas já o imaginava.

Dois – Então eu dei-lhe os 50 euros que me restavam para obter esta informação privilegiada... e nem sequer tenho dois euros para comprar um bilhete de lotaria.

Um – E então?

Dois – Só me resta uma hora!

Um – E depois?

Dois – Bem, eu estava a pensar se... se estarias disposto a investir neste negócio. Tu dás os dois euros. E partilhamos os lucros. Dois terços para mim, um terço para ti.

Um – Em resumo, queres que te dê os dois euros que acabei de encontrar no chão... para comprar um bilhete de lotaria porque uma vidente te deu os números vencedores?

Dois – Então, afinal, tens dois euros para investir neste negócio! Não te vais arrepender, acredita.

Um – A sério, achas que sou parvo! Com estes dois euros, posso comprar um pão e uma garrafa de vinho tinto!

Dois – Mas eu estou a oferecer-te a oportunidade de fazer uma fortuna!

Um – Tu é que me arruinaste!

Dois – Desiludes-me, sabias? Mesmo no caso muito improvável de a vidente se ter enganado, estou a oferecer-te a possibilidade de ganhar 60 milhões! E tu falas-me de um pão e uma garrafa de vinho. Sabes uma coisa? Não és digno de ser meu parceiro neste negócio. Bem, vou-me embora...

Está prestes a sair.

Um – Está bem. Cinquenta-cinquenta. Embora eu seja quem assume o risco financeiro. Como sempre...

Dois – Está bem, mas és um osso duro de roer nos negócios.

Ele estende a mão e o outro dá-lhe os dois euros.

Dois – Não te vais arrepender, acredita. Espera por mim aqui, volto. Esta noite seremos ricos!

Um – Antes de te conhecer, já o era.

O outro vai embora.

Dois – Por que é que tenho este desagradável pressentimento de que estou prestes a ser enganado de novo?

9. Na Rua

Um homem está ali vestido como uma criança. Chega uma mulher, também vestida como uma menina.

Dois – Mas o que se passa contigo? Não parece que estejas bem.

Um – Não...

Dois – Onde estão os teus filhos?

Um – Os meus filhos acabaram de me abandonar.

Dois – Na rua assim? É monstruoso! Como é que se pode fazer isso a um adulto? Eram teus filhos biológicos?

Um – Não, fui adotado. Tinham-me acolhido na ANDA há apenas um ano...

Dois – A ANDA?

Um – A Associação Nacional para a Defesa dos Adultos.

Dois – Aí está! As crianças perderam todo o sentido de responsabilidade nos dias de hoje. Adotam um pai ou mãe por capricho, sem pensar em todas as responsabilidades que isso implica, alimentá-lo, vesti-lo, passeá-lo... E quando já não lhes apetece, abandonam-no na rua. Um adulto não é um objeto, afinal de contas! Não é um brinquedo!

Um – Não queres adotar-me tu?

Dois – Coitadinho. Faria-o de coração, mas já sou a criada de uma família de cinco irmãos e irmãs. Por isso, se voltasse para casa com um companheiro, não tenho a certeza de que concordassem...

Um – Que pena. Pareces simpática. E os teus filhos, pelo menos tratam-te bem?

Dois – Está bem... Uma vez esqueceram-me numa estação de serviço quando foram de férias, mas não o fizeram de propósito. Fiquei assustada... Também pensei que me tinham abandonado! Mas não, voltaram à minha procura uma hora depois...

Um – Uma hora?

Dois – A próxima saída estava a mais de cinquenta quilómetros de distância... Então, o que vais fazer agora?

Um – Não sei...

Dois – Tens pelo menos uma tatuagem?

Um – Sim... Tatuaram-me o número de telemóvel deles no ombro esquerdo...

Dois – Isso demonstra alguma confiança.

Um – Tu achas?

Dois – Significa que, pelo menos no início, não tinham intenção de te abandonar... Embora, no ombro esquerdo, não deva ser fácil para ti ler esse número.

Um – Felizmente, decorei o número de cor...

Dois – Já tentaste ligar-lhes?

Um – Dá caixa de mensagens. Talvez tenham mudado de número.

Dois – Tens a certeza de que o fizeram de propósito?

Um – Estávamos na rua. Eu estava a andar à frente. Num momento virei-me e eles já não estavam lá.

Dois – Ah sim, as crianças muitas vezes fazem isso quando querem livrar-se dos adultos... Bem, infelizmente, também vou ter de te deixar.

Um – Deixar-me?

Dois – Bem, quero dizer... Os meus filhos estão naquela loja de brinquedos. É proibida a entrada a adultos. Mas não devem demorar a sair...

O telefone do outro toca.

Um – Olá? Ah, és tu. Não, não, pensei que... Bem, pensei que me tinham perdido... Ah, também estás naquela loja? Sim, sim, estou mesmo à porta com outro adulto. Não, não, estou à tua espera. Leva o teu tempo... (*Guarda o telefone.*) Eram eles...

Dois – Vês, não precisavas de ter medo... As crianças, afinal de contas, não nos abandonam assim.

Um – Tens razão... Entusiasmei-me demasiado rapidamente... Vives aqui no bairro?

Dois – Sim, sim... Mesmo no final da rua...

Um – Então talvez nos possamos encontrar de vez em quando...

Parece ver algo.

Um – Desta vez, tenho mesmo de te deixar. Vejo-os a sair da loja, e detestam esperar... (*Para o palco*) Sim, sim, já vou! Então encontraram alguma coisa que gostaram?

Sai. A outra fica ali, pensativa.

Dois – Que vida de cão...

10. A Manifestação para ninguém

Dois personagens estão ali com cartazes nos quais ainda não está escrito nada. Um terceiro personagem chega.

Três – Desculpem, aqui é onde começa a manifestação?

Um – Sim, sim, é aqui.

Três – Bem...

Dois – Partimos daqui e vamos até... Até onde exatamente vamos?

Um – Na verdade, desta vez não tenho certeza. Mas vamos descobrir, certo?

Dois – Afinal, só temos que seguir os outros.

Três – Ah, entendi...

Um – Você veio se manifestar conosco?

Três – Sim, quer dizer... Espero não ter me enganado de manifestação.

Dois – Há outra manifestação hoje?

Três – Ah, pensei que vocês soubessem. Há uma contramanifestação .

Um – Uma contramanifestação ? Você sabia que havia uma contramanifestação?

Dois – Não... Uau... Isso pode complicar as coisas. Se a rota da contra manifestação cruzar com a da manifestação.

Um – Você acha que poderíamos nos encontrar?

Dois – Não tenho certeza... Por onde eles passam?

Três – Eu não sei.

Um – De qualquer forma, como nós não sabemos por onde vamos passar...

Dois – Sim, bem, na verdade você está certo.

Um momento.

Um – O que você escreveu no seu cartaz?

Dois – Ainda não escrevi nada. Estou sem ideias...

Três – Talvez eu possa ajudar.

Um – Por que não?

Os três refletem.

Três – Desculpem se pergunto isso, mas quero ter certeza de que não estou enganado... Vocês estão se manifestando por que motivo, exatamente?

Dois – Por quê? Você quer dizer contra o quê?

Três – Ah, não sei, eu... Pensei que os outros estavam protestando contra...

Um – Os outros?

Três – A contramanifestação ...

Dois – Ah, não, a contramanifestação, eles estão a favor.

Três – A favor?

Um – Parece que você não está muito familiarizado com manifestações, certo?

Três – Bem... Não, devo admitir que esta é minha primeira manifestação.

Um – Bem, então vamos explicar. Nesta manifestação, nós somos contra.

Três – Contra? Contra o quê?

Dois – Depende da ocasião, obviamente. Mas em geral, somos contra.

Três – Entendi...

Um – Os outros, na contramanifestação, são contra nós sermos contra.

Três – Acho que entendi desta vez... Quero dizer, em geral... Mas desta vez, contra o quê estamos protestando em particular?

Um – Contra o quê? Contra o quê estamos protestando hoje, não me vem à mente agora...

Dois – Eu não sei... Ainda não escrevi nada no meu cartaz... Estava esperando descobrir qual é o lema.

Três – O lema... Eu pensei que vocês estivessem contra a ordem estabelecida. Como vocês podem se contentar com um lema?

Os outros dois se olham.

Um – Você é astuto, não é? Está tentando nos confundir?

Dois – Você não é um policial disfarçado, por acaso?

Três – Um policial?

Um – Um infiltrado, digamos assim!

Dois – Você está aqui para nos desmoralizar, certo?

Três – Ah, não, de jeito nenhum. Eu não sou policial. Bem, não tenho nada contra a polícia. Mas também não tenho nada a favor.

Dois – Ok, tudo bem. Mas o que você está fazendo aqui então?

Três – Bem, eu estava pensando... Tenho vontade de me envolver mais...

Um – Bem, neste caso, seja bem-vindo.

Três – Obrigado... Mas eu gostaria de saber por que estou me manifestando.

Dois – Mas nós já dissemos que ainda não temos ideias!

Três – Ah, sim, mas isso é irritante.

Um – Sempre decidimos no último minuto para evitar sermos manipulados.

Três – E a contramanifestação ?

Um – Aparentemente, hoje eles nos levam alguma vantagem...

Dois – Então, você está conosco ou contra nós?

Três – Acho que vou ter que pensar um pouco mais... Talvez eu tenha me empolgado rápido demais... Afinal, estou me questionando se realmente estou pronto para me comprometer... Vocês me desculpam?

Ele sai.

Um – Há todo tipo de gente, juro...

Dois – Quando não se tem maturidade política...

Um – Você tem certeza de que ele não era um policial?

Dois – Quem sabe...

Um – Mesmo assim, é estranho.

Dois – O quê?

Um – Nós somos apenas dois.

Dois – É verdade, você está certo.

Um – Você tem certeza de que hoje é a manifestação?

Dois – Agora, depois disso, não tenho mais certeza. Esse cara me deixou completamente confuso.

Um – Como não temos lemas.

Dois – Talvez tenha havido uma mudança de planos.

Um – Eu proponho que voltemos amanhã, que tal?

Dois – Você está certo. De qualquer forma, pelo visto, a base não estava pronta para uma manifestação dessa magnitude.

Um – Você sabe o que dizem – não é bom ter razão muito cedo.

Dois – Espero que não nos cruzemos com a contramanifestação, de qualquer forma, seria vergonhoso...

Um – Pareceríamos dois idiotas, sim.

Dois – Você acha?

Eles saem.

11. Uma orelha atenta

Dois varredores. Estão varrendo. Um deles pega algo do chão.

Um – É incrível o que se pode encontrar nos esgotos.

Dois – O que é isso?

Um – Uma orelha.

Dois – O quê?

Um – Uma orelha, eu te digo!

Dois – Uma orelha? Sério? Deixa eu ver... Ah, sim, é uma orelha, realmente.

Começa a olhar pelo chão.

Um – O que você está procurando?

Dois – Estou vendo se não está a segunda.

Um – Por que deveria haver uma segunda?

Dois – Não sei... Orelhas costumam vir aos pares, não é?

Um – Orelhas vêm em pares... Que bobagem...

Ficam perplexos por um momento, apoiados em seus cabos de vassoura.

Dois – O que vamos fazer com essa orelha?

Um – O que você quer que façamos?

Dois – Não sei. Talvez deveríamos tentar encontrar o dono dela.

Um – O que você acha que ele vai fazer com ela?

Dois – Acho que se eu perdesse uma orelha e alguém a encontrasse, gostaria que me devolvessem.

Um – Como assim, se você perdesse uma orelha? Orelhas não se perdem como chaves! Como alguém pode perder uma orelha sem perceber?

Dois – Você está certo... Como essa pessoa terá perdido uma orelha?

Um – Também poderia ser uma mulher.

Dois – Uma mulher? Por que uma mulher?

Um – Por que não uma mulher? Mulheres também têm orelhas, certo? Caso contrário, onde elas colocariam seus brincos?

Dois – Mas essa orelha não está usando brincos.

Um – Talvez fosse uma mulher que não usava brincos...

Dois – É horrível...

Um – O que está acontecendo?

Dois – Saber que em algum lugar há uma mulher caminhando com apenas uma orelha.

Um – A mulher da orelha cortada...

Nesse exato momento, uma mulher se aproxima.

Três – Leio as linhas da mão. Você me dá a sua?

Um – Na verdade, estamos procurando alguém que leia os lóbulos das orelhas. Você sabe fazer isso?

Três – Teríamos que ver...

Ela oferece a orelha.

Um – Aqui está, empresto-lhe uma orelha atenta.

Dois – O que realmente queremos saber é de quem é esta orelha.

A vidente parece concentrada.

Três – Vejo... uma vassoura.

Dois – Você acha que esta orelha poderia ter pertencido a uma bruxa?

Um – Uma vassoura... Claro, somos varredores, então ela vê vassouras! Se fôssemos pescadores, cheiraria a peixe. E se fôssemos marinheiros, ouviria o mar...

Três – Por enquanto, só sinto más vibrações...

Dois – Encontramos esta orelha varrendo as folhas mortas no esgoto.

Um – O outono é a temporada alta para os varredores... As orelhas mortas se acumulam...

Dois – O que mais você vê?

Três – Vejo... (*Agitando a orelha como em transe*) Não vejo nada, mas ouço.

Um – Agora uma vidente que ouve...

Dois – E o que você ouve?

Três – Ouço uma voz... que vem de muito longe.

Dois – E o que essa voz está dizendo?

Três – Ouço... números!

Um – Números?

Dois – Deve ser uma mensagem codificada.

Três – Cinco números... E um sexto...

Dois – O número complementar!

Três – Sim... Sim, parece ser... Parece a combinação do próximo sorteio da lotaria!

Um – A lotaria?

Dois – E o que são estes números?

Ela devolve bruscamente a orelha, como se o encanto se quebrasse.

Três – Para descobri-los, têm de pagar antecipadamente.

Um – Claro... E o que nos garante que é a combinação certa?

Três – Nada. Não são obrigados a acreditar. Vocês verão...

Um – Veremos? Pensei que fosses tu, a vidente...

Dois – No entanto, pensem... E se fosse o número certo?

Um – Estás a falar a sério?

Dois – O que temos a perder?

Um – Isso, acho que a senhora nos dirá...

Três – Cinquenta euros.

Um – Cinquenta euros?

Três – É pegar ou largar.

Um – E se fosse verdade, por que não jogarias tu mesma a combinação vencedora?

Três – Vocês encontraram esta orelha. Eu não. Seria antiético.

Dois – Seriam apenas 25 euros para cada um...

Um – Está bem, vamos com 40, certo?

Três – Está bem.

Ela dá a cada um uma nota de vinte. Ela tira um papel do bolso e entrega-o.

Três – Aqui estão os números vencedores.

Dois – Mas... já estavam escritos neste papel antes de ouvires essa voz!

Três (*com ênfase*) – O destino está sempre escrito antecipadamente.

Ela sai.

Dois – Não sei porquê, mas eu acredito...

Um – E quais são esses números?

O outro está prestes a dizer, mas pára.

Dois – Melhor venha por aqui... (*Olhando para o público*) As paredes têm ouvidos...

Eles afastam-se um pouco.

Um – Então, quais são?

Dois – O 13.

Um – Clássico.

Dois – O 5 bis.

Um – Vamos dizer o 5.

Dois – E o 214.

Um – O 214?

Dois – Vamos dizer o 2, o 1 e o 4.

Um – Sim, mas isso só faz 5 números.

Dois – Ah sim, é verdade...

Um – Ela não nos deu o número complementar, a desgraçada.

Dois – Devíamos ter dado os cinquenta euros que ela pedia.

Um – Claro, agora vai ser culpa minha.

Dois – E o que fazemos com esta orelha? Não parece muito limpa...

Um – Claro, encontramos-na no esgoto...

Dois – Sim... (*Para a audiência*) Ninguém perdeu uma orelha? Uma orelha suja... Bem, deixo-a aqui, bem à vista. Se a pessoa que a perdeu quiser recuperá-la...

Um – Bem, vamos fazer a aposta ou não?

Dois – Vamos... Não sei porquê, mas tenho a sensação de que é o nosso dia de sorte...

Saem.

12. A Aposta de Pascal

Um personagem chega, desorientado. Ele olha para o mapa que tem na mão. Em seguida, vê algo no chão e, intrigado, o pega. É uma nota de dinheiro, que ele examina com curiosidade. Outro personagem se aproxima. O primeiro interpela o segundo.

Um – Desculpe, você não terá...?

Dois (*interrompendo*) – Desculpe, mas eu não tenho troco.

Um – Ah, não, eu não estou pedindo dinheiro... Pelo contrário... Eu queria perguntar se você não perdeu uma nota, talvez.

O outro, surpreso, para e fica mais suave.

Dois – Uma nota? Depende... Quanto vale a nota?

O primeiro dá uma olhada na nota.

Um – Quinhentos.

Dois – Ah sim, claro... Espere, deixe-me ver... (*Finge procurar nos bolsos.*) Eu... Sim, talvez... Você quer dizer uma nota de quinhentos euros, certo?

O outro examina a nota.

Um – Sim, quinhentos... Ah não, espere...

Dois – Não é uma nota de quinhentos?

Um – Sim, mas é uma nota de quinhentos francos.

Dois – Francos? Quer dizer... os antigos francos?

Um – Ah não, os novos... Bem... Os francos antigos, você sabe... Os antigos francos, eles não existem mais, certo?

Um – Os novos francos também não existem... Deixe-me ver...

O outro entrega a nota.

Dois – Ah sim, quinhentos francos. Um Pascal, como costumavam dizer naquela época... Eu não via um há muito tempo... Quando estavam em circulação, não os via com frequência...

Um – Pascal... Ele era um filósofo, não era?

Dois – Um matemático, eu acho...

Um – Ah sim! A aposta de Pascal!

Dois – Quinhentos francos...

Um – Quanto é isso em euros?

Dois – Cerca de cem euros, não é? Algo assim...

Um – Então, não é seu... Você acha que ainda pode ser trocado?

Dois – No Banco da França, você quer dizer? Ah, eu duvido, não... (*Ele devolve a nota.*) Eu nem tenho certeza se o Banco da França ainda existe.

Um – Você realmente acha isso?

Dois – Agora, com a Europa...

Um – Mesmo assim, o Banco da França...

Um terceiro personagem chega, aparentemente procurando algo. Os outros dois o olham, intrigados.

Um – Você está procurando algo?

Três – Sim, eu acho que perdi cem euros, droga...

Dois – Cem euros?

Um – E você não tem certeza? Para mim, se eu perdesse cem euros...

Três – Veja bem, eu fui ao caixa eletrônico, tenho certeza disso... Saquei cem euros, como sempre... Mas não consigo encontrá-los... Talvez eu tenha deixado cair do bolso... Você não os encontrou, por acaso?

Um – Cem euros? Não...

Três – Ou talvez eu tenha esquecido...

Dois – Como assim, esqueceu?

Três – Antigamente, costumava esquecer meu cartão bancário no caixa eletrônico. Eu pegava o dinheiro e esquecia o cartão... Agora, eu me certifico de pegar o cartão... Mas às vezes esqueço de pegar as notas...

Um – Nesse caso, a máquina as engole, certo?

Três – Sim... A menos que alguém tenha pego antes...

Dois – Ou que o vento as tenha levado.

Um – É verdade, está ventando hoje.

Dois – As folhas mortas são levadas pelo vento...

O primeiro mostra a nota que encontrou.

Um – E também as notas de banco...

Três – Você encontrou meus cem euros?

Um – Isso é o que acabei de pegar do chão.

Ele entrega a nota de quinhentos francos.

Três – Uma nota de quinhentos francos...

Dois – Não pode ser sua.

Três – Ainda é bastante curioso, de qualquer forma...

Um – O quê?

Três – Quinhentos francos... isso é aproximadamente cem euros, certo?

Dois – Mas vá lá... como é que a sua nota de cem euros se transformaria numa nota de quinhentos francos?

Três – Sim... especialmente porque as minhas eram duas notas de cinquenta euros.

Um – Como é que você sabe? Você nem tem certeza de não as ter esquecido no caixa eletrônico.

Três – Você está certo... Mas notas de cem euros são bastante raras, não?

Dois – Hoje em dia, menos raras do que notas de quinhentos francos.

Um – Por que milagre duas notas de cinquenta euros se transformariam numa nota de quinhentos francos?

Dois – Pessoalmente, eu não acredito em milagres... E transformar duas notas de cinquenta euros numa nota de quinhentos francos que nem sequer pode ser trocada... É realmente um milagre...?

Três – Especialmente porque na realidade, cem euros são 655 francos e 96 cêntimos... Arredondando um pouco... Então eu perdi mais de 155 francos no processo...

Um – Sim, estamos bem longe da multiplicação dos pães, isso está claro...

Eles permanecem perplexos por um momento.

Dois – Ou talvez seja culpa do caixa eletrônico...

Três – Como assim?

Dois – Você disse que nem olhou as notas. Nem mesmo tem certeza de que as pegou.

Três – E daí?

Dois – Talvez o caixa eletrônico tenha lhe dado uma nota de quinhentos francos em vez de duas de cinquenta euros.

Três – Você acha? Mas isso é um roubo!

Dois – Talvez ele esteja quebrado.

Um – Mas vá lá, se você não pegou as notas, o caixa eletrônico as teria engolido.

Três – Quem sabe... Pode haver caixas eletrônicos que não as engolem...

Dois – Especialmente quando tentamos fazê-los engolir notas que já não têm validade.

Três – Mas você diz que foi o caixa eletrônico que me deu essa nota de quinhentos! Então o banco me dá uma nota vencida e depois o caixa eletrônico se recusa a engoli-la?

Dois – É verdade que é um pouco difícil de acreditar...

Um – Talvez ele tenha engolido e depois cuspido.

Três – De qualquer forma, tenho a desagradável sensação de que, nesta história, sou eu quem se deu mal.

Dois – É um pouco a sensação que todos temos ao sair do nosso banco, não é?

Três – Um caixa eletrônico que começa a distribuir francos... Não faz sentido, não é?

Um – Eu não sei... Vocês veem alguma outra explicação?

Novo silêncio perplexo.

Um – Eles não terão voltado ao franco sem nos dizerem, não é?

Dois – É verdade que já faz um tempo que eu não ouço as notícias...

Três – Mesmo assim... Voltar ao franco ou ao escudo... Por mais distraídos que sejamos... Não estamos falando de perder a mudança para o horário de verão...

Dois – Eu tenho outra hipótese, mas é um pouco assustadora...

Um – Conte-a...

Dois – E se tivéssemos dado um salto para o passado...

Três – Um salto?

Um – Quer dizer... como num filme de ficção científica? Nós teríamos voltado no tempo... antes da adoção do euro.

Três – Vocês estão brincando? E sinceramente, uma viagem no tempo... Se for apenas para voltar à época do franco ou do escudo... Que filme chato...

Dois – Eu não disse que era um bom filme... Talvez seja apenas um pesadelo...

Um – É simples, é só olharmos o dinheiro que temos nos bolsos...

Três – Eu não tenho nada... Eu estava indo justamente ao caixa eletrônico...

Dois – Saí sem a minha carteira... Eu acabei de descer o lixo...

Um – Eu tenho um pouco de troco no bolso...

Ele revira o bolso e pega uma moeda.

Um – Ah, aqui está... Uma moeda de um euro...

Três – Uf...

Dois – Deixe-me ver. (*Ele a examina.*) É uma moeda de dez francos...

Um – Sério?

O terceiro examina a moeda também.

Três – Oh sim, realmente... Parece muito com uma moeda de um euro... mas é uma moeda de dez francos.

Dois – Acho que aqui está acontecendo algo realmente fora do comum...

Um – Não nos alarmemos... Talvez tenham me dado isso por engano na padaria, essa moeda de dez francos... Pode acontecer...

Dois – Mesmo assim... Isso começa a parecer um conjunto de indícios, como dizem nas séries policiais...

Chega um quarto personagem.

Quatro – Desculpe incomodá-los, sei que isso parecerá uma pergunta estranha, mas vocês não encontraram uma nota de quinhentos francos por acaso?

Os outros três o olham com suspeita.

Um – Permita-me fazer uma pergunta... Em que ano estamos?

Quatro – Mas... ainda estamos em 2023, pelo menos até 31 de dezembro...

Dois – Então, você está circulando com uma nota de quinhentos francos em 2023? Meu Deus, perceba!

Um – É verdade, estávamos preocupados!

Três – Por um momento, pensamos que tínhamos dado um grande salto para trás. Como naquele filme, sabe... De Volta para ao passado...

Quatro – Não é De Volta para o Futuro o filme?

Dois – Sim, bem, esse não é o problema.

Quatro – Desculpe, não pensei em...

Dois – Não, mas é incrível...

Um – Aqui está sua nota de quinhentos francos!

Três – Mas o que você vai fazer com isso?

Quatro – Bem... Eu estava indo a um numismata...

Três – Um numismata?

Quatro – Sim... Moedas... e notas de coleção, sabe?

Um – Entendo...

Quatro – Encontrei esta nota em minha casa, dentro de um livro que pertencia ao meu avô.

Dois – O tipo de avô que usa notas como marcadores de livros...

Um – Bem, temos que admitir que é menos sujo do que sardinhas em óleo.

Quatro – Então, pesquisei na internet quanto valeria hoje em dia.

Dois – Quanto?

Quatro – Cem euros! Percebem? Na época em que ainda podia ser trocada, valia apenas setenta e seis...

Três – Ah, sim, isso... Seu avô era um espertinho no final das contas.

Um – Sim, isso é o que chamamos de apostar no futuro... Com esse Pascal, seu avô fez você ganhar vinte e quatro euros.

Quatro – Quanto são vinte e quatro euros em francos?

Três – Aproximadamente 157 francos e 43 cêntimos...

Quatro – Uau! Bem, de qualquer forma... Obrigado. Felizmente, ainda existem pessoas honestas como vocês...

Os outros três observam enquanto o quarto se afasta.

Três – Isso não me diz para onde foram meus cem euros...

Os outros dois o olham.

13. Uma boa varredura

Maria está varrendo. Claudia chega vestida com um terno de três peças.

Claudia – Fico feliz em vê-la, Maria... Tenho algo para lhe dizer...

Maria para de varrer.

Maria – Você dirá, senhora.

Claudia – Há quantos anos você trabalha para nós?

Maria – Não me lembro exatamente, senhora. Muitos, com certeza... Você não está satisfeita com o meu trabalho?

Claudia – Não é isso, Maria. Na verdade, queria a parabenizar. Você conhece o lema do nosso banco?

Maria – Dinheiro sujo, mãos limpas.

Claudia – Exatamente! Graças a você, o Crédito Solidário está sempre impecável. E a limpeza em um banco é como a vitrine, não acha? Se a vitrine de um banco não estiver impecável, os clientes podem pensar que...

Maria – Que os banqueiros também não são limpos...

Claudia – Isso mesmo! Vejo que você entendeu perfeitamente, Maria.

Maria – Posso continuar com o meu trabalho, senhora?

Claudia – Espere um pouco, Maria...

Maria – Bem... Você dirá, senhora...

Claudia pigarreja.

Claudia – Como você deve saber, minha cara Maria... Melhor ainda, minha muito cara Maria... Ou melhor ainda, minha caríssima Maria... Como eu estava dizendo, você deve saber que estamos em crise.

Maria – Não me diga?

Claudia – Sim, em crise, Maria! Mesmo que você não leia o noticiário econômico todos os dias, com certeza ouviu falar sobre o assunto. Mas, que boba sou eu! Você é marroquina, não é?

Maria – Sou portuguesa, senhora.

Claudia – Ah, melhor ainda! Eu quis dizer, pior ainda... Portugal é o país mais afetado da zona do euro. Suponho que você esteja ciente?

Maria – Bem... Francamente, não, senhora.

Claudia – Resumindo, trata-se de uma recessão, e o mundo das finanças é o mais afetado pelo declínio geral dos valores...

Maria – Valores?

Claudia – Estou me referindo à bolsa de valores. Logicamente, você não entende disso. Da depressão econômica para a depressão emocional, há apenas um passo. Quando a bolsa está em baixa, o moral também está. E quando o moral está no chão, a crise moral está próxima.

Maria – Se você diz, senhora.

Claudia – Não me diga que você não está um pouco deprimida?

Maria – Estou me virando, senhora. Não estou reclamando...

Claudia – Me perdoe, Maria, mas só de olhar para você assim, com sua vassoura, fica claro que você não está transbordando de alegria!

Maria – Talvez seja porque estou um pouco cansada... De tanto varrer a frente...

Claudia – Tudo isso para dizer que nosso banco não está preparado para a tempestade que se aproxima... e que também precisamos fazer nossos cálculos. Você entende, não é?

Maria – Sim, senhora...

Claudia – Para o seu bem, Maria, o Crédito Solidário teve que tomar algumas medidas, talvez um pouco dolorosas, para poder manter seu emprego. Um emprego, que agora posso lhe dizer, estava seriamente ameaçado.

Maria – Obrigada, senhora...

Claudia – Portanto, tenho o prazer de anunciar, Maria, que não temos a intenção de a demitir.

Maria – Trabalho informal, senhora.

Claudia – Seja como for, você pode continuar a varrer meu escritório até segunda ordem e, quem sabe? Talvez um dia a deixaremos varrer o escritório do diretor.

Maria – Obrigada, senhora...

Claudia – Claro, o Crédito Solidário espera um pequeno sacrifício de você para nos ajudar a manter empregos no país. Porque, sem empregos, não há poder de compra, e sem poder de compra, perdemos a confiança, e sem confiança, não há empregos. É o ciclo vicioso da estagnação. Você me entende?

Maria – Pelo menos, estou tentando, senhora...

Claudia – Entendo que isso seja difícil para você, minha pobre Maria, mas garanto que pode confiar em mim... Vou tentar fazer com que entenda... Em troca de manter seu emprego, o Crédito Solidário propõe reduzir seu salário em trinta por cento. Imagino que lhe pareça razoável, não é?

Maria – Trinta por cento?

Claudia – Um terço do seu salário atual, se preferir.

Maria – Um terço a menos?

Claudia – Bem... é isso mesmo. Você precisa entender que, nos tempos atuais, não há muitos empregos de faxineira, Maria. Não é de se estranhar que em breve, mesmo trabalhando informalmente, peçam um diploma universitário. Isso, além de ter boas conexões... Aliás, você tem um diploma universitário?

Maria – Não, senhora...

Claudia – Suponho que você não conheça ninguém nas altas esferas...

Maria – Não, senhora...

Claudia – E, no que diz respeito à sua promoção, querida Maria, e não quero que se sinta mal com isso, não estou muito certa de que todas as cartas estão a seu favor... O que podemos fazer! É assim... A grande loteria da vida... Alguns nascem na Suíça com um sobrenome de muitas sílabas e uma aparência excepcional, e outros... Em resumo, suponho que você concorda que minha proposta é bastante generosa... O que você acha de tudo isso?

Maria – O que eu acho, senhora?

Claudia – Sim, Maria... Embora não seja realmente necessário que você pense. Mas eu vou ouvi-la. Vivemos em uma democracia, e esse é meu dever...

Maria parece refletir.

Maria – O que eu penso...

Claudia – Você terá que pensar em alguma coisa, eu diria...

Maria – Bem, eu penso sim, senhora... (*Maria ameaça com a vassoura*) Isso é o que eu penso, senhora!

Claudia – Você enlouqueceu, Maria?

Maria persegue Claudia com a vassoura até que esta desaparece nos bastidores.

Claudia – Mas, Maria... Eu só fiz uma proposta! Mas não se preocupe... Nós também sabemos ouvir nossos funcionários!

Ouvem-se os gritos de Claudia nos bastidores.

Claudia – Oh!! Não... E que tal 20 por cento?

Maria – Quer que eu continue batendo em você?

Claudia – E 10 por cento?

Maria – Dez por cento, mas de aumento.

Claudia – A verdade é que não sei se...

Elas entram em cena novamente. Maria continua ameaçando Claudia com a vassoura.

Claudia – Está bem, Maria... É preciso saber conduzir uma negociação... Assunto encerrado... O Crédito Solidário aumentará seu salário em 10 por cento.

Maria – Isso está melhor, senhora.

Claudia – A verdade, Maria, é que você é uma osso duro de roer... Também sabemos apreciar certas características de personalidade em nossos funcionários, e você demonstrou ter algumas...

Maria – Muito obrigada, senhora.

Claudia – O que acha de fazer um mestrado de formação, totalmente pago pela empresa? Poderíamos contratá-la para nosso Departamento de Cobranças. Com a crise, há cada vez mais contas não pagas...

Maria – Você quer que eu continue batendo em você com a vassoura?

Claudia se afasta por precaução.

Claudia – Não se fala mais nisso. Vou deixá-la continuar com seu trabalho...

Maria – Obrigada, senhora.

Claudia sai do palco sob o olhar atento de Maria.

14. Uma Sombra na Rua

Um personagem (homem ou mulher) está presente. Outro chega. Sem perceber o primeiro, acredita estar sozinho.

Transparente – Bom dia, sou o homem invisível.

Inaudível – Mas... quem está me chamando?

Transparente – Calma, você não está ouvindo vozes como Joana d'Arc. Mas eu estava dizendo que... Espero que pelo menos você não seja surdo, certo?

Inaudível – Não, não, eu o ouço perfeitamente. Mas onde você está?

Transparente (*para o público*) – É o drama da minha vida, sou completamente transparente.

Inaudível – E você me ouve?

Transparente (*para o público*) – Vejo os lábios dele se movendo muito bem, mas não escuto absolutamente o que ele diz...

Inaudível – É a história da minha vida, não sou mudo, mas ninguém me ouve. Nem mesmo os surdos.

Transparente – Como saber se ele entendeu bem minha pergunta, não ouço sua resposta.

Inaudível – Não consigo vê-lo e não consigo me fazer ouvir. Não será fácil ter uma conversa fluente...

Um terceiro personagem chega.

Inodoro (*dirigindo-se ao que vê*) – Você está falando sozinho?

Inaudível – Nem vale a pena responder a ele...

Transparente – Não, de jeito nenhum, estava conversando com este cavalheiro que está vindo aqui.

Inodoro – É curioso, vejo você aqui e ouço você de lá.

Transparente – Ah, não, mas você não vai ouvi-lo. Ele é o homem inaudível.

Inodoro (*um pouco confuso*) – Ah, sim... E você?

Transparente – Eu sou o homem invisível.

Inodoro – Entendi... Como no cinema, quer dizer?

Transparente – Sim... Exceto que eu realmente sou transparente. E para um ator, acredite em mim, nem sempre é uma vantagem.

Inodoro – Vixe... Eu o vejo perfeitamente, mas não ouço o que ele me diz, enquanto a você...

Transparente – Eu, pelo menos... mesmo invisível, ainda sou perfeitamente compreensível.

Inodoro – Graças a Deus, eu também.

Transparente – Então acho que nos daremos bem.

Inodoro – Embora, em geral, as pessoas digam que não conseguem me sentir.

Transparente cheira em sua direção.

Inaudível – É verdade. É quando as pessoas não sentem absolutamente nada que notamos isso.

Inodoro – O que você estava dizendo?

Transparente – Nada. Mas pensei que ser inodoro é menos desconfortável do que ser invisível como eu, ou inaudível como esse pobre homem.

Inodoro cheira em sua direção, claramente desconfortável.

Inodoro – Sem cheiro... Em alguns casos, isso até pode ser uma vantagem para os outros, acredite.

Inaudível (*também desconfortável*) – Ah sim, a gente não vê ele, mas com certeza sente a presença dele, com certeza...

Transparente – É estranho...

Inodoro – O que está acontecendo?

Transparente – Somos apenas três, certo?

Inaudível – Parece que sim, não?

Transparente – E, no entanto... sinto como se houvesse uma presença, vocês não sentem?

Inodoro – Além de você, não sinto nada...

Inaudível – Uma presença espiritual, quer dizer?

Silêncio.

Transparente – A menos que seja ele...

Inaudível – Ele?

Inodoro – Aquele que, além de ser invisível, inaudível, inodoro...

Inaudível – ... também é intocável e completamente insípido.

Inodoro – Deus? Bem, isso não faz sentido...

Inaudível – De qualquer forma, não faz sentido para nenhum dos cinco que conhecemos.

Transparente – A menos que esteja transmitindo em outra frequência...

Inodoro – Ah sim... Se Deus existe, pode-se dizer que Ele é extremamente discreto...

Um momento.

Transparente – Até me pergunto se, a esse nível de discrição, ainda podemos falar de existência.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Cara ou coroa
Crise e Castigo
Encontro na plataforma
Euro Star
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cuco
O genro perfeito
O Rei dos idiotas
Pequeno homicídio sem consequências
Plagio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-996-6

Documento para download gratuito